

EIXO TEMÁTICO 9 | QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA/ETNIA E SEXUALIDADES

TV QUILOMBO: análise da internacionalização da pauta quilombola à luz da experiência do Quilombo Rampa, Vargem Grande - MA

TV QUILOMBO: analysis of the internationalization of the quilombola agenda in light of the experience of Quilombo Rampa, Vargem Grande - MA

Ana Luiza Luz¹

Ruan Didier Bruzaca²

RESUMO

Neste artigo, aborda-se a internacionalização das pautas quilombolas à luz das experiências do Quilombo Rampa, no interior do Maranhão, e os impactos desse processo na luta e defesa das pautas socioeconômicas, políticas e territoriais das comunidades quilombolas. Entende-se, portanto, que através de uma comunicação com características ancestrais, as vozes das comunidades tradicionais quilombolas ecoam não somente nacionalmente, mas também internacionalmente, transformando vivências locais em experiências de reverberação internacional. Nesse caminho, compreendendo que as comunidades tradicionais são um dos principais vetores de preservação ambiental de ecossistemas ameaçados e, para além, analisando a preocupação internacional com a questão ambiental, internacionalizar as pautas quilombolas, que, acima de tudo, são também ambientais é um caminho natural e necessário para fortalecer a resistência coletiva em prol da preservação de seus territórios, culturas e do ecossistema que as cerca.

Palavras-chave: Quilombos, internacionalização, preservação ambiental.

ABSTRACT

This article addresses the internationalization of quilombola agendas in light of the experiences of Quilombo Rampa, in the interior of Maranhão, and the impacts of this process on the struggle and defense of socioeconomic, political and territorial agendas of quilombola communities. It is understood, therefore, that through communication with ancestral characteristics, the voices of traditional quilombola communities echo not only nationally, but also internationally,

¹ Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Estadual do Maranhão.

² Doutor em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Adjunto II e coordenador do Curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Bacabal.

transforming local experiences into experiences with international reverberation. Along this path, understanding that traditional communities are one of the main vectors of environmental preservation of threatened ecosystems and, in addition, analyzing international concern with environmental issues, internationalizing quilombola agendas, which, above all, are also environmental, is a path natural and necessary to strengthen collective resistance in favor of preserving their territories, cultures and the ecosystem that surrounds them

Keywords: Quilombos, internationalization, environmental preservation

1 INTRODUÇÃO

A constituição dos territórios que hoje são intitulados “quilombos” remonta ao período da escravidão, em que os negros escravizados, procurando libertarem-se das mazelas do trabalho braçal, das condições precárias de sobrevivência e dos castigos de diversas naturezas que lhes eram impostos, fugiam das fazendas em que era escravizadas e embrenhavam-se nas matas, formando agremiações de pessoas que tão logo tornavam-se comunidades organizadas em prol de resistirem a interferência branca e a recondução da escravidão.

Essas comunidades podem ser caracterizadas, de forma ampla, como rurais, aqueles localizados nas zonas rurais e fruto do plantation, de característica fundamentalmente escravagista, e urbanos, que versam especialmente sobre as ocupações territoriais urbanas de maioria negra no período após o fim da escravidão até meados do século XX.

Nesse sentido, como muitas outras comunidades tradicionais quilombolas do interior do Maranhão, o Quilombo Rampa, alvo principal da análise dessa pesquisa, surge, segundo dados históricos internos da comunidade e comunicações orais que permanecem vivas no imaginário comunitário, no ano de 1818. Os ex-escravizados, liderados por um padre, Antônio Fernandes, fogem de fazendas da região entre Vargem Grande e Coroatá, municípios da região, e, juntos, após dias de procura, encontram um local despovoado com uma nascente de água “boa para beber” que, para além disso, alimentava diversos riachos.

Ainda segundo as comunicações orais da comunidade, esse padre, que era português, deu-lhes a missão de ali edificar uma comunidade, que teria como centralidade uma igreja cujo local ele já deixara marcado, cultuando o santo católico “São Bartolomeu”, até hoje padroeiro da comunidade. Além disso, Antônio Carvalho deu à aqueles negros sobrenomes (Anjos, Santos, Luz, Fernandes, Carvalho e Salgado) e pediu que evitasse casarem-se com “forasteiros” –

aqueles que não descendiam diretamente nos primeiros habitantes da comunidade -, para que a terra encontrada não fosse tomada.

Esse quilombo, fundado ao redor de uma igreja e uma nascente, enfrentou e ainda enfrenta muitas celeumas, especialmente com a questão territorial e de preservação de suas tradições - ancestrais e ambientais. Entretanto, através da iniciativa de alguns de seus moradores, William e Raimundo, fundadores da TV e Rádio Quilombo Rampa, um veículo de mídia alternativa criada e conduzida pelos quilombolas para falar para e sobre o quilombo, essa comunidade tradicional iniciou, em 2018, o processo de nacionalização e, inevitavelmente, internacionalização de suas pautas através desse veículo.

As pautas das comunidades tradicionais brasileiras, em especial indígenas e quilombolas, deixaram de ser apenas nacionais quando a causa torna-se alvo de políticas de preservação ambiental, social, etnocêntrica que visam um desenvolvimento sustentável que seja capaz de preservar saberes tradicionais, históricos e ancestrais. A preservação, para além da territorialidade, de culturas únicas, saberes tradicionais, ancestralidades e modos de vida que se mostram carentes de preservação tanto nacional quanto internacional, visto que proteger o meio ambiente é também proteger socioculturalmente aqueles que habitam aquele espaço. E isso pode ser claramente observado na experiência do quilombo vargem-grandense.

Esse trabalho tem como objetivo principal compreender, à luz do caso de internacionalização do Quilombo Rampa, o processo - desdobramentos e como ele pode afetar a preservação das ancestralidades de um território quilombola, as dificuldades em sua concretização e qual o papel dele no fortalecimento das pautas internas e comuns às comunidades tradicionais brasileiras, além das perspectivas futuras. Nesse sentido, tem como objetivos específicos explicar sobre os Territórios Quilombolas e o Quilombo Rampa, o processo de internacionalização do território e o impacto desse processo na organização e defesa de pautas internas e comuns às comunidades quilombolas.

Desse modo, a metodologia de pesquisa utilizada é a revisão bibliográfica de literatura nacional e internacional, pesquisa de campo, com visita a sede da TV Quilombo Rampa, localizada no território quilombola em questão, e entrevista com Raimundo “Quilombo”³, líder comunitário e Coordenador da “Rádio e TV Quilombo Rampa”.

³ Entrevista: Raimundo “Quilombo”, remotamente, no dia 20 de abril de 2024.

2 TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS: O QUILOMBO RAMPA E SUAS PARTICULARIDADES

A definição de quilombos ainda é um tópico que desperta debates na comunidade acadêmica e deve ser compreendido como um termo em movimento. O autor Clóvis Moura (2021), intelectual do movimento negro falecido em 2003, esclarece que, apesar das primeiras referências a quilombos datarem de 1559, perto do início da utilização de mão de obra negra de lavouras de cana-de-açúcar, foi com o Conselho Ultramarino⁴, em 1740, que ocorreu uma definição mais taxativa como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”. Esse intelectual entende quilombos como uma organização sócio-política, pautada na resistência negra contra a escravidão e, para além, estendendo as dinâmicas de territorialização no período pós-abolição - a luta dos remanescentes inclusive.

O termo quilombo é também uma categoria jurídica utilizada desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, visando, portanto, assegurar a propriedade dos territórios ocupados por comunidades rurais negras dotadas de um histórico de resistência a escravidão e, nesse sentido, de ancestralidade e relações territoriais específicas.

Como ressaltado no início, o termo quilombo e suas variantes não são estatísticos, vistos de maneira determinista, tendo em vista que as próprias comunidades se e dinamizaram-se movimentaram com o passar dos séculos, mantendo tradições e incluindo inovações, a exemplo do próprio Quilombo Rampa. Bruzaca (2020a) explica que, para além das definições engessadas, é preciso enxergar o quilombola através de sua própria perspectiva, especialmente quando se pretende entender os conflitos socioambientais e as demais questões aos quais eles estão inseridos.

Essa comunidade quilombola, o Quilombo Rampa, possui uma história marcada por movimentos dinâmicos de cunho social, político, social e cultural. Fundada em 1818 por um conjunto de negros escravizados de fazendas entre Vargem Grande e Coroatá, municípios do interior do Maranhão, e um padre, que os liderou, o Quilombo Rampa permaneceu, por mais de um século e meio, isolado das áreas urbanas. Entretanto, nem mesmo esse isolamento os protegeu de constantes ameaças - enfrentadas com resistência e coletividade - a sua

⁴ MOURA, Clóvis. Quilombos: resistência ao escravismo / Clovis Moura. - 5ª ed. - Teresina EdUEPI, 2021.

integridade territorial. Isto é, como observado por Clóvis Moura (2021), para além da resistência inicial, é preciso também observar os quilombos como fruto de resistências permanentes, ainda que com a proteção do Art. 68 dos Atos das Disposições Transitórias da constituição Federal de 1988⁵.

O isolamento implicado nesse território não era apenas físico, mas também tecnológico e de comunicação - mesmo com as evoluções, ainda hoje não há sinal telefônico no território. Entretanto, o século XXI implicou uma grande evolução tecnológica para os membros da comunidade. As políticas de assistencialismo iniciadas no governo de Fernando Henrique Cardoso e fortalecidas dos mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff ocasionaram profundas mudanças na estrutura daquela comunidade, possibilitando a chegada de energia elétrica na comunidade, a compra de meios de transporte de extrema utilidade, as motos, de celulares, principais fontes de comunicação internas e externas, e de planos de internet Wi-fi, que se espalham em diferentes pontos da comunidade.

Por outro lado, os jovens quilombolas passaram a experimentar cada vez mais um intercâmbio tecnológico e cultural nas áreas urbanas, através das experiências de trabalho e de estudo, frequentando cursos universitários e técnicos, e retornando conhecimento à comunidade. Esses fatores trazem para o ambiente interno das comunidades elementos de inovação, por exemplo, em práticas de comunicação. Aspecto esse que dentro do Quilombo Rampa motivou, portanto, a fundação da TV Quilombo Rampa e os demais dispositivos de comunicação de deram pujança a internacionalização.

3 A NACIONALIZAÇÃO E A INTERNACIONALIZAÇÃO DO QUILOMBO RAMPA

Para falar da internacionalização do Quilombo Rampa, é imprescindível contar e analisar sobre a TV Quilombo Rampa. Segundo Raimundo em entrevista para a produção desse artigo, que junto com mais 4 quilombolas, Michel Awid, Wellita Cardoso, Aparecida Leite e William Cardoso, fundou a TV, ela nasce com um objetivo direto: comunicação de dentro para dentro. A comunidade é a única capaz de contar sua própria história e, por isso, os quilombolas da comunidade devem participar ativamente desse processo - e, até hoje, são os principais atores

⁵ Art. 68, ADCT. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. (BRASIL, 1988)

de todas as atividades desenvolvidas pelo veículo de comunicação. Raimundo descreve esse tipo de comunicação como “comunicação ancestral”. Segundo Lopes et al. (2022), a comunicação tem sido historicamente apropriada por militantes, intelectuais e comunidades negras como forma de resistir e lutar contra as mais diversas formas de opressão, em especial as simbólicas e materiais.

Nesse sentido, em 2017, a TV Quilombo surge usurpando para si tudo que a comunidade poderia lhe fornecer: histórias, ancestralidade, um tripé de bambu e uma câmera feita de papelão. Daí em diante, utilizando o poder de veiculação das mídias sociais, em especial Instagram, Facebook e Youtube, a TV inicia sua jornada de contar para o Brasil e o mundo a vivência e a ancestralidade dos quase 200 habitantes do Quilombo Rampa. No início tudo parecia de certa forma “amador”, mas, com o passar do tempo, a TV Quilombo foi ganhando traços de profissionalismo e conquistando espaço na mídia independente do Brasil.

Em 2018, a TV e alguns de seus fundadores quebraram as barreiras da territorialidade do Quilombo: receberam, em Brasília, o Prêmio de Mídia Alternativa no 1º Festival de Cinema Móvel de Brasília. Esse pode ser, portanto, considerado o primeiro grande passo - nacional - rumo ao internacional, já que, para além de incentivar o árduo trabalho que já vinha sendo realizado, colocou de vez a TV Quilombo nos círculos nacionais de mídias alternativas.

O sentido mais amplo de internacionalização é, segundo Ferreira, Anjos, Ferreira (1999) definido como o ato ou o efeito de tornar alguma coisa comum a várias nações. Assim, ao desenvolver internamente seu projeto de comunicação ancestral, a TV Quilombo atingiu, inevitavelmente, os olhares internacionais. O caminho em que se revela a internacionalização do Quilombo Rampa é o de que, a TV Quilombo, ao tornar seu trabalho e atuação – ligados diretamente a existência do quilombo – um tópico de abrangência internacional – isso demonstrado pela participação em fóruns internacionais -, a TV Quilombo, nesse viés, internacionaliza as pautas do Quilombo Rampa.

Em julho de 2022, Raimundo participou do IVLP⁶, Programa de Lideranças para Visitantes Internacionais, intercâmbio profissional promovido pela Embaixada dos Estados Unidos da América. Se trata de uma experiência de troca entre jornalistas negros americanos e

⁶ O Programa de Lideranças para Visitantes Internacionais é uma oportunidade de intercâmbio cultural, social e político promovido pela Embaixada dos Estados Unidos para líderes internacionais. O programa conta com reuniões virtuais e visitas presenciais a locais estratégicos de atuação política, social e econômica dos Estados Unidos.

brasileiros. No mesmo ano, a TV Quilombo, através do Raimundo, participou do IGF 2023⁷, um fórum internacional que debate sobre a democratização da internet, no Japão. Durante esses debates, Dunga - como é conhecido Raimundo no quilombo - trouxe a exclusão digital que ainda impera no território brasileiro e, para além disso, o exacerbamento dessa realidade nas comunidades tradicionais e a produção do que ele vem a chamar de “racismo digital”.

Por fim, a mais recente e mais importante participação, ocorreu na COP 28⁸. Durante a COP, Raimundo debateu em diversos fóruns um dos pontos centrais deste artigo: não há como debater mudanças climáticas sem trazer o papel fundamental das comunidades tradicionais - quilombolas, indígenas e outras - para a preservação do ecossistema. Para ele, as comunidades são agentes transformadores fundamentais para combater as mudanças climáticas e preservar minimamente o meio ambiente.

Nesse sentido, os quase sete anos de existência da TV Quilombo são também a concretização de um novo Quilombo Rampa: ainda ancestral e tradicional, porém, para além disso, internacional e globalizado para organizar e defender suas pautas. A comunicação ancestral quebrou, portanto, as barreiras do pequeno território de quase 200 famílias entre Vargem Grande e Cantanhede e chegou a locais jamais imaginados por seus antepassados. Houve uma divulgação nacional, fomentada em grande parte por uma integração de lutas e pautas entre diversas comunidades quilombolas e, nesse caminho, uma inevitável internacionalização - e não só da comunicação, mas também dos saberes, urgências e tradições.

4 DESDOBRAMENTOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO: ETNODESENVOLVIMENTO E AS EXPERIÊNCIAS DO QUILOMBO RAMPA

Algumas discussões ambientais lideradas pela Organização das Nações Unidas (ONU), desde meados dos anos 1970 e fortalecidas até a Conferência RIO-92, propõem novos modelos de desenvolvimentismo pautados naquilo que viria a ser conhecido como “desenvolvimento

⁷ IGF é o “Internet Governance Forum”, fórum de discussão sobre aspectos de internet e democratização da comunicação chancelado pela Organização das Nações Unidas. A primeira reunião do IGF foi realizada em 2006 e a edição de 2023 aconteceu em Kyoto, no Japão, contando com mais de 300 sessões para discutir uma variedade de situações sobre a internet.

⁸ A COP é a Conferência das Partes das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. A Edição de 2023 da COP, a COP 28, ocorreu em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, e contou com a participação de cerca de 85.000 pessoas entre governantes, ativistas climáticos e outros públicos interessados nas discussões acerca das mudanças climáticas e sua mitigação.

sustentável” - um modelo de desenvolvimento capaz de suprir todas as necessidades humanas sem comprometer a capacidade do planeta de prover para as próximas gerações.

Bruzaca (2021) explica que um dos principais sentidos atribuídos à palavra desenvolvimento, o desenvolvimento econômico, quando presente nas políticas e empreendimentos da sociedade brasileira - e tratando-se especialmente da amazônica e maranhense - acarreta prejuízos à saúde, ao meio ambiente, à cultura e aos territórios étnicos. Por isso, por constatar que as visões e formulações sobre desenvolvimento eram prejudiciais, especialmente para comunidades tradicionais, vulneráveis e para o meio ambiente, que se formulou o conceito de “desenvolvimento sustentável” - que alia crescimento econômico e sustentabilidade - e outros.

Nessa esfera, surge ainda o “etnodesenvolvimento”, um modelo de desenvolvimentismo baseado na necessidade de repensar os modelos econômicos para incluir populações etnicamente particulares, como os quilombolas e as indígenas, sem que essas percam suas nuances étnicas e possam, ainda, contribuir, através de seus saberes tradicionais, para a construção de um modelo sustentável de desenvolvimento espelhado também nas formas ancestrais de interação com a natureza. Como explica Silva (2010):

Entre as características exaltadas para esta nova perspectiva de desenvolvimento, [...] foram enfatizadas a preservação ambiental, o progresso social, o fortalecimento econômico e a preservação das diversidades biológicas e culturais como alicerces para o progresso humano, não havendo a existência de uns sem a necessária existência dos outros. Diante disso, pensar em uma proposta de desenvolvimento sustentável passou a ser visto como pensar em uma possibilidade de desenvolvimento capaz de fazer dialogar progresso social e econômico, valorização do moderno com respeito ao tradicional, harmonia na relação homem/natureza, preservação da unidade nacional em consonância com as diversidades étnicas e culturais.

Batalha (1982), um dos grandes vertentes do etnodesenvolvimento, considera essa vertente “o exercício da capacidade social de um povo para construir seu futuro, aproveitando para isso os ensinamentos de sua experiência histórica e os recursos reais e potenciais de sua cultura, de acordo com um projeto que se define segundo seus próprios valores e aspirações”.

Paul Little (2002) explica ainda que o etnodesenvolvimento é, de fato, uma alternativa que combina tanto desenvolvimento econômico à luz de um grupo étnico quanto desenvolvimento da etnicidade de um grupo social:

Quando se combina a problemática do desenvolvimento com a do reconhecimento da diversidade cultural, o etnodesenvolvimento introduz um conjunto de novos temas no seio do espaço público dos Estados nacionais. No plano político, o etnodesenvolvimento dá um recorte étnico aos debates sobre a questão da autodeterminação dos povos e, no processo, questiona, pelo menos parcialmente, as noções excludentes de soberania nacional. No plano econômico, as práticas de etnodesenvolvimento tendem a ocupar o lugar de “alternativas” econômicas, particularmente onde a ideologia neoliberal é predominante.

Nesse sentido, o processo de internacionalização do Quilombo Rampa proporcionando por uma veiculação global da comunicação ancestral da comunidade é, internamente, um projeto de etnodesenvolvimento. A TV Quilombo, ao aproveitar-se dos recursos materiais, sociais, culturais e históricos disponíveis na comunidade, constroi, pouco a pouco, baseando-se em valores próprios dessa comunidade, um futuro ancestral com pitadas de desenvolvimento, aliando o fundamental e inerente aos quilombolas ao novo e intrínseco ao mundo moderno e globalizado.

Segundo Raimundo, fundador e atual coordenador da Rádio e TV Quilombo em entrevista, a internacionalização do trabalho realizado no quilombo o oportunizou a discutir temas como a comunicação ancestral para ferramenta do enfrentamento ao racismo, à preservação dos saberes ancestrais das comunidades tradicionais frente às ameaças da modernidade, a democratização do acesso a internet para os quilombolas no Brasil, entre outros temas.

E, ainda sob o viés do etnodesenvolvimento, a internacionalização das pautas quilombolas trazem à tona uma questão sine qua non a esses tempos: a presença das comunidades tradicionais nos debates sobre as mudanças climáticas, especialmente no Brasil. Partindo do pressuposto que as comunidades quilombolas, em grande parte inseridas em locais de natureza ainda pouco explorada para além dos modelos de subsistência, são agentes fundamentais da preservação ambiental dos territórios que estão inseridos, a preservação, nos mais diversos aspectos que as concernem, dessas comunidades é, para além uma questão social, também material ambiental. E, sendo essa uma questão ambiental, ela torna-se, para além de local e nacional, de valor internacional, sendo a preservação ambiental de interesse, portanto, global. É o que Leite Lopes (2004) entende como a “ambientalização dos conflitos sociais”, própria da utilização do apelo internacional das pautas ambientais para veiculação das lutas locais, tornando-as também globais.

Assim sendo, o principal desdobramento da internacionalização do Quilombo Rampa é a veiculação internacional das questões internas do território e de outras comunidades quilombolas - aproximadas pelas lutas e emergências comuns. A luta pela equidade de oportunidades de educação, saúde e seguridade social, o combate ao racismo e caminho a preservação ambiental são alguns dos inventários sociais levantados pela Quilombo Rampa, que reverberam em outras comunidades do Maranhão, e possuem, por meio da “globalização” exógena e endógena do território, impacto internacional. Isso garante mais visibilidade, tanto da população quanto do poder público, e proporciona maiores chances de que as vozes que por muito foram - e ainda são - silenciadas sejam escutadas.

A Rádio e TV Quilombo Rampa desempenha o papel de comunicar desde as questões locais, como um ponte quebrada ou a ausência de professores na U.E.B São Bartolomeu, escola local, até a violação de direitos humanos e territoriais em outras comunidades quilombolas do Maranhão e do Brasil. Ela utiliza-se de seu grande, para os parâmetros condizentes, apelo nacional e internacional para comunicar aquilo que aflige os seus. Dessa forma, ela realiza o esforço contra-colonizador que Santos (2015) revelou ser fundamental para as comunidades quilombolas na luta contra as opressões e dominações experimentadas.

3 CONCLUSÃO

Esse trabalho propôs, através de uma análise, através da experiência do Quilombo Rampa, no Maranhão, da internacionalização dos quilombos e o impacto desta no aprofundamento da defesa das pautas particulares e comuns dos territórios quilombolas. Essa internacionalização do território quilombola que completa, em 2024, 206 anos de existência deu-se, em suma, pela criação e desenvolvimento da TV e Rádio Quilombo Rampa, veículo e comunicação ancestral que, segundo seus fundadores, possui a função de comunicar de dentro para dentro e preservar, através da utilização das mídias, os saberes tradicionais da comunidade.

Nesse sentido, o sucesso midiático e a participação da TV Quilombo, na pessoa de seu coordenador, Raimundo, em diversos fóruns internacionais que discutiam desde a democratização da internet até as mudanças climáticas foram fatores preponderantes para que houvesse também a globalização das pautas e emergências quilombolas. Entendo ainda, a luz

do conceito de “ambientalização dos conflitos sociais” que as comunidades quilombolas, compreendidas como cosmos de preservação ambiental, tornam-se, portanto, também de interesse internacional, já que a pauta ambiental é um assunto de ânsia global.

Dessa forma, a internacionalização das pautas quilombolas, assim como demonstrado na experiência do Quilombo Rampa, é fruto tanto do processo de globalização, que não se furta de chegar também aos quilombos, quanto do entendimento de que quilombos - e comunidades tradicionais rurais - são matérias ambientais que, por sua vez, são intrinsecamente internacionais. Essa internacionalização, entretanto, para além de simplesmente comunicar ao mundo sua existência, faz parte também dos esforços dessas comunidades e seus habitantes de resistirem a diversas esferas de opressões ainda experimentadas. Assim como sua existência, a internacionalização dos quilombos é fator *sine qua non* da resistência moderna desses territórios a tudo aquilo que tenta os invalidar e aniquilar.

REFERÊNCIAS

Agência Brasil. **TV quilombola ajuda a comunidade a preservar histórias de lutas**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/tv-quilombola-ajuda-comunidade-preservar-memoria-de-lutas>>. Acesso em: 13 mai. 2024.

Batalla, G. B. (1982). **El etnodesarrollo: sus premisas jurídicas, políticas y de organización**. In Aravena, F. R. América Latina: etnodesarrollo y etnocidio: Ediciones Flacso

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 05 mai. 2024

BRUZACA, Ruan Didier. **A prática jurídica entre a "bainha" e a "faca": para(re)pensar o Direito a partir da perspectiva de quilombolas nos conflitos entre Vale e os territórios de Santa Rosa dos Pretos e Monge Belo**, em Itapecuru- Mirim/MA - João Pessoa, 2020

BRUZACA, Ruan Didier. **Quilombos, judiciário e desenvolvimento: Santa Rosa dos Pretos contra Vale no Maranhão**, São Luís: EDUFMA, 2021. 203p

Ferreira, A. B. de H., Anjos, M. dos, & Ferreira, M. B. (1999). **Novo Aurélio século XXI**. Editora Nova Fronteira.

IGF Kyoto 2023. Disponível em: <https://www.soumu.go.jp/igfkyoto2023/en/>. Acesso em: 13 mai. 2024.

INCRA. **Regularização de Território Quilombola: perguntas e respostas**. Disponível em:

https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/perguntas_respostas.pdf. Acesso em: 12 mai. 2024.

LEITE LOPES, José Sérgio (Coord.). **A “ambientalização” dos conflitos sociais; participação e controle público da poluição industrial**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia Política/UFRJ, 2004.

LOPES, Ivonete da Silva; CAETANO, Lindemberg Ribeiro; CARDOSO, Jéssica Suzana Magalhães. **Comunicação quilombola, resistência e proximidade na redução das desconexões no enfrentamento à pandemia**. Revista Mídia e Cotidiano, Niterói, v. 16, n. 3, p. 28-48, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/rmc.v16i3.54383>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/54383>. Acesso em: 12 mai. 2024.

Moura, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo** / Clovis Moura. - 5º ed. - Teresina EdUEPI, 2021.

ONU: programa para o meio ambiente. Conferência das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC COP 28). Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/events/conference/conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-mudanca-do-clima-unfccc-cop-28>. Acesso em: 12 mai. 2024

R7. **TV de quilombo tem equipamentos de papelão, cipó e bambu-drone**. Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/virtz/tv-de-quilombo-tem-equipamentos-de-papelao-cipo-e-bambu-drone-29062022/>. Acesso em: 13 mai. 2024.

SILVA, Aline Ferreira da. **O DISCURSO SOBRE ETNODESENVOLVIMENTO QUILOMBOLA NO GOVERNO LULA**. 2010. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos**. Modos e significados. UnB: Brasília, United States Department of State. IVLP. Disponível em: <https://eca.state.gov/ivlp>. Acesso em: 12 mai. 2024.

SOUZA, F. da C.; QUIQUETO, AMB; LENA, MBA; SANTI, VJC.; MORAES, N.R. de .

Etnodesenvolvimento e bem viver: concepções e implicações para políticas públicas.

Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento , [S. l.] , v. 2, pág. e48910212860, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i2.12860. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php>. Acesso em: 13 mai. 2024.

LITTLE, Paul. **Etnodesenvolvimento local: autonomia cultural na era do neoliberalismo global**. Tellus, ano 2, n. 3, p. 33-52, out. 2002 Campo Grande – MS.